



***Eixo Temático EIXO 22 - JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS:  
PROBLEMATIZANDO CORPOS, GÊNERO E SEXUALIDADES / AXIS 22  
- CONTEMPORARY YOUTHS: PROBLEMATIZING BODIES, GENDER,  
AND SEXUALITIES (ONLINE)***

**GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: um olhar pessoal**

Aminata Arcadia Vaz Jaite <sup>1</sup>

**RESUMO**

O estudo tem como objetivo investigar as intersecções entre gênero, sexualidade e educação, analisando como essas dimensões influenciam a experiência escolar e a formação de identidades. Assim partimos do seguinte questionamento: como as práticas educacionais podem ser transformadas para promover a igualdade de gênero e sexualidade, garantindo um ambiente inclusivo para todos os estudantes. Essa questão visa explorar as barreiras existentes e as oportunidades para a implementação de estratégias que desafiem as normas tradicionais de gênero e promovam a equidade. Além disso, o trabalho destaca os estereótipos de gênero e as normas sociais que afetam a participação das meninas e meninos em diferentes áreas do conhecimento, bem como a urgência de uma educação inclusiva que respeite e valorize a diversidade sexual. Por outro lado, recomendamos a importância da implementação das estratégias educacionais que assegurem a participação de todos, independentemente da sua orientação sexual, enfatizando a importância da educação sexual, que permitem os indivíduos compreenderem melhor suas próprias identidades e as dos outros, não só, mas também promovendo um ambiente escolar mais acolhedor que respeite e valorize todas as orientações sexuais e identidades de gênero. Contribuindo para a formação de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

**Palavras-chave:** Guiné-Bissau, Gênero, Sexualidade, Educação

---

<sup>1</sup> Mestranda no programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e-mail: [aminatajaite15@gmail.com](mailto:aminatajaite15@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

A relação entre gênero, sexualidade e educação é um tema de grande relevância no campo acadêmico e social, porque influencia diretamente a formação de identidades, a construção do conhecimento e as dinâmicas de inclusão e exclusão dentro do ambiente escolar. O debate sobre essas questões tem se intensificado nas últimas décadas, impulsionado por avanços nos estudos feministas, na teoria queer e nas políticas educacionais voltadas para a diversidade. No entanto, ainda há desafios significativos na implementação de práticas pedagógicas que promovam o respeito à diversidade de gênero e à pluralidade das orientações sexuais.

Neste estudo, busca-se investigar as intersecções entre gênero, sexualidade e educação, analisando como essas dimensões influenciam a experiência escolar vividas por estudantes e educadores e a formação de identidade. A pesquisa parte do pressuposto de que a escola, como espaço de socialização e aprendizado, desempenha um papel central na reprodução ou desconstrução de normas e estereótipos relacionados ao gênero e à sexualidade.

A escolha do tema parte pela necessidade de uma educação que valorize a equidade e os direitos humanos, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos com as diferenças. Além disso, compreender os impactos da abordagem ou da ausência dela, sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar permite identificar estratégias para um ensino mais inclusivo e democrático.

Ao refletir sobre as dimensões da educação, gênero e da sexualidade, percebo como estes temas estão interligados e como influenciam minha vida, minha formação e o meu olhar na sociedade guineense (Guiné-Bissau).

A Guiné-Bissau é um território constituído por 36.125km<sup>2</sup>, está localizado na Costa Ocidental do continente africano e banhado pelo Oceano Atlântico. O país faz fronteira ao Norte com a República do Senegal e com a República da Guiné Conacri ao Leste e Sul. Segundo os dados de banco mundial de 2023, a Guiné-Bissau tem 2.150.842 milhões de habitantes (World Bank, 2023). Por outra lado, as pesquisas do Instituto Nacional de Estatística (INE) realizada em 2009, mostra que a Guiné-Bissau tem 48,6% do sexo masculino e 51,4% do sexo feminino. O clima predominante no país é tropical, a sua atratividade vai além dos recursos naturais, destacando-se pela sua rica diversidade étnica e cultural.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma, além da introdução e das considerações finais, na primeira seção, fizemos análise do Percepções de educadores e



estudantes sobre gênero e sexualidade na escola. Na segunda e última seção, abordamos As Concepções de sexualidade na sociedade e na escola.

O nosso trabalho foi desenvolvido com base nos relatos da experiência e com os recursos disponíveis para realização de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, ou de uma organização ou de uma outra unidade de pesquisa”. Essa abordagem de pesquisa se caracteriza por atribuir interpretações de natureza mais subjetiva. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008 p.50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, esse tipo de pesquisa é realizado.

Os resultados que chegamos e que, a Guiné-Bissau precisa avançar nas discussões sobre gênero e sexualidade na educação, porque ainda há resistência por parte de alguns setores da sociedade e desafios na aplicação efetiva das diretrizes educacionais. A falta de formação específica para professores, o conservadorismo de algumas comunidades escolares e a ausência de materiais didáticos adequados são alguns dos obstáculos enfrentados. No entanto, experiências exitosas mostram que a introdução desses temas na educação pode contribuir significativamente para a construção de um ambiente mais acolhedor e igualitário.

Dessa forma, a presente pesquisa reforça a importância de políticas públicas e ações pedagógicas voltadas para a inclusão e o respeito à diversidade no espaço escolar. Ao longo do trabalho, discutimos sobre os desafios identificados e como superá-los para fortalecer uma educação que contemple a pluralidade de identidades e vivências. A partir dessas reflexões, espera-se contribuir para um debate mais aprofundado sobre a necessidade de integrar as questões de gênero e sexualidade no currículo escolar, promovendo uma sociedade mais justa.

### **Percepções de educadores e estudantes sobre gênero na escola**

Desde a infância, a educação que recebi foi permeada por normas de gênero que moldaram minha identidade e minhas relações. Lembro-me de como, na escola, as atividades eram frequentemente divididas por gênero, meninos jogando futebol no pátio, enquanto que as meninas eram incentivadas a participar das brincadeiras mais delicadas, como cozinhar, fazer tranças, maquiagem, sobre cuidado. Essa divisão não apenas limitava a minha experiência, mas também reforçava estereótipos que eu trouxe para a vida adulta. Os estereótipos de gênero influenciam o comportamento dos alunos e as expectativas dos professores. As meninas eram frequentemente incentivadas a serem quietas e obedientes, enquanto os meninos recebiam mais liberdade para expressar suas opiniões, são frequentemente educados para serem fortes e



corajosos, e que eles não demonstram emoções. Há um ditado, que diz que “homens não choram”.

Para Louro (2000, s.p) “o homem de verdade”, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas”. A autora ainda afirma, que “são comuns, entre rapazes e homens, em muitas sociedades, os tabus sobre a expressão de sentimentos, o culto a uma espécie de “insensibilidade” ou dureza” (grife de autora). Essa abordagem pode levar a uma repressão emocional, onde os meninos sentem que precisam esconder seus sentimentos para se encaixar em padrões de masculinidade, que quando não se encaixa, acaba sofrendo muita discriminação em forma de piada e até violência.

Louro (2000, s.p) afirma que os “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àqueles que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”.

Segundo Louro (2000, s.p) “Numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas”. O meu país passou por esse processo de segregação no período colonial, que ainda deixou herança, de como uma menina/ mulher deve ser educada. De acordo com Vargas e Rodrigues, (2022, P.179) *apud* (Vargas, 2015, p. 169)

As mulheres deveriam, por exemplo, ser mais recatadas no gerenciamento de sua sexualidade ou ainda, valer-se de sua condição feminina para alcançar os benefícios materiais que podem ser oferecidos por um homem”. Todavia, essas são construções históricas e culturais, já que os meninos não são ensinados a se comportarem perto do sexo oposto, porque quem deve ser ensinada a ter postura é a mulher. (Vargas e Rodrigues, 2022, P.179).

Na Guiné-Bissau, como em muitas outras sociedades, principalmente colonizadas, existem expectativas tradicionais sobre os papéis de gênero. Por exemplo, as mulheres podem ser vistas principalmente como cuidadoras e responsáveis pelas tarefas domésticas, enquanto os homens são frequentemente considerados fortes e os provedores de lar. Essa segregação de gênero não apenas privou as meninas de oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, mas também consolidou uma estrutura social onde a subordinação das mulheres era normalizada. As meninas que conseguiam algum nível de educação eram ensinadas em habilidades que reforçavam seus papéis de gênero tradicionais, limitando ainda mais suas perspectivas de futuro. Esse sistema contribuiu para a perpetuação da desigualdade de gênero e teve efeitos duradouros que ainda são sentidos na sociedade guineense.



Para Vargas & Rodrigues, (2022, p.179) “os discursos mais conservadores e limitantes acerca das possibilidades de vida das mulheres acabem por constituir-se como normativas sobre as posturas femininas”. Ainda para os autores,

[...] discurso religioso e do discurso biológico e das relações de poder diferenciadas entre homens e mulheres, fomenta possivelmente, a produção de modos de existência entendidos como adequados para comportamento feminino, o qual é reiterado pelas famílias, pela escola e poderia, em alguma, fomentar a naturalização das práticas de violência sobre as jovens (Vargas & Rodrigues, 2022, p.179).

Essa realidade não é distante da Guiné-Bissau onde a questão de gênero na educação apresenta muitos desafios. As desigualdades de gênero são notórias, afetando tanto o acesso quanto a permanência das meninas na escola. Isso se deve a uma combinação de fatores históricos e culturais que influenciam as oportunidades educacionais. Porque os meninos têm mais probabilidade de concluir o ensino médio em relação às meninas. Durante o meu percurso acadêmica, numa turma de 36 alunos, pode encontrar máximo de 10 a 15 estudantes de sexo feminino, e ao decorrer do ano letivo a maioria vão abandonar, devido alguns fatores, como instabilidade financeira dos pais, gravidez precoce, casamento, violência entres outros.

Além disso, em algumas famílias, a educação das meninas pode ser vista como menos prioritária em comparação com a dos meninos, especialmente em contextos de recursos limitados. Muitas vezes, as meninas são incentivadas/ obrigadas a seguir carreiras consideradas femininas, o que acaba limitando suas opções e interesses, outras acabam se afastando da escola para ajudar em casa ou para se casar.

Por outro lado, essas desigualdades de gênero se encontram em diversas esferas, no mercado de trabalho, há discriminação de gênero na contratação e promoção. Mulheres são sub-representação em cargos de liderança ou em setores como ciência e tecnologia, enquanto os homens também são desencorajados a não entrar em profissões que são vistas como femininas essa questão acaba limitando as oportunidades individuais e reduz a diversidade em várias áreas profissionais, por exemplo, é raramente encontrar um professor na educação infantil, e como também é raro encontrar uma mulher eletricista, serralheria, mecânica na Guiné-Bissau.

A perpetuação de estereótipos de gênero também contribui para a desigualdade salarial, onde as mulheres frequentemente recebem salários mais baixos do que os homens para a mesma função, e ainda tem a desvalorização de profissões predominantemente femininas, lembrando que, as mulheres guineenses ocuparam a maior parte do trabalho informal, e gera a economia para o país.

Outrossim, essas limitações de gênero não afetam apenas os indivíduos, mas também têm um impacto muito grande na sociedade. A falta de diversidade em diferentes setores leva



a uma gama limitada de perspectivas e soluções para problemas sociais e econômicos. Além disso, a perpetuação de estereótipos de gênero contribui para a violência de gênero e outras formas de discriminação, criando um ambiente social menos seguro e equitativo na educação.

De acordo com, Vargas & Rodrigues (2022, p.179) para os educadores e pesquisadores, é necessário entender e apoiar as teorizações “produzidas e na nossa sensibilidade, produzir nas instituições escolares práticas educativas que se aproximem das juventudes contemporâneas, compreendendo-as em sua singularidade e potencialidade, educando também para a equidade de gênero e de sexualidade.” Em resumo, minha jornada educacional me mostrou que a aproximação com as dimensões da educação, gênero e sexualidade é essencial para a construção de uma sociedade inclusiva e justa.

Durante o meu percurso, pude entender como a educação pode ser um espaço de resistência e transformação. A partir de debates sobre a importância de uma educação inclusiva que respeite a diversidade de gênero e sexualidade, percebi que a escola pode ser um ambiente propício para desconstruir preconceitos. A inclusão de temas como a identidade de gênero e a orientação sexual no currículo escolar é fundamental para que todos os estudantes se sintam representados e respeitados. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove um ambiente mais seguro e acolhedor. O meu percurso aqui no Brasil, as minhas aulas, debates, participações dos eventos, movimento estudantil e entre outras modalidades, foi fundamental nesse processo, para que eu pudesse reconhecer e questionar as desigualdades existentes, e para que eu me tornasse um agente de transformação social hoje.

A Desigualdade de gênero exige atenção e esforços para promover a igualdade e garantir que todos, independentemente do gênero, tenham as mesmas chances de educação e desenvolvimento. O debate sobre sexualidade ainda enfrenta muitos desafios, especialmente no contexto guineense, onde a paridade de gênero não foi plenamente alcançada. E a desigualdade entre os gêneros dificulta a aceitação e a discussão aberta sobre diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Muitas vezes, as normas sociais e culturais que perpetuam essas desigualdades também influenciam a forma como a sexualidade é percebida e discutida.

### **As Concepções de sexualidade na sociedade e na escola**

A sexualidade é vista como misteriosa e perigosa, gerando desconforto e inibição. Conforme Louro (2000, P.01) “como jovem mulher, eu sabia que a sexualidade era um assunto privado” eu não podia falar sobre sexualidade, era ou é um tabu na nossa sociedade. Autora ainda,



[...]alguma coisa da qual deveria falar apenas com alguém muito íntimo e, preferentemente, de forma reservada. A sexualidade — o sexo, como se dizia — parecia não ter nenhuma dimensão social; era um assunto pessoal e particular que, eventualmente, se confidenciava a uma amiga próxima. "Viver" plenamente a sexualidade era, em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhada com um parceiro do sexo oposto. (Louro, 2000, P.01).

Me vejo nas falas de Louro, por isso é necessário desmistificar tabus e promover uma educação sexual que vá além da biologia. A sexualidade é uma parte fundamental na vida humana e deve ser discutida de forma aberta e respeitosa. Certamente a falta de informação e o tabu de abordar estes temas relacionado a sexualidade, podem levar a situações de violência, especialmente entre os jovens. Porque com a falta de informação adequado, nos leva as narrativas destorcidas. A educação sexual incluir discussões sobre consentimento, relacionamentos saudáveis e diversidade sexual, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e respeitosos.

De conformidade com Louro (2000) a escola ensina e concorda com,

A homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse "contagiosa", cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. (Louro, 2000, s.p).

Durante o meu percurso acadêmico no meu país, não me lembro de ter a oportunidade de discutir a sexualidade de forma aberta e abrangente. As conversas sobre este tema eram praticamente inexistentes, exceto nas aulas da biologia, onde o assunto era tratado de maneira bastante conservadora e focada apenas nos aspectos biológicos. Essa abordagem limitada, não permitia uma reflexão mais profunda sobre as questões relacionadas à sexualidade.

Segundo Louro (2000), um homem ou uma mulher de verdade deverão ser, necessariamente,

heterossexuais e serão estimulados para isso. Mas a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a "inocência" e a "pureza" das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. (Louro, 2000, s.p).

O Tabu ou a inocência? Não sei o que era, eu praticava homofobia sem ter consciência dos danos que isso poderia causar. A falta de informação e de diálogo sobre sexualidade e diversidade limitava minha compreensão sobre o assunto. Essa ausência de conhecimento me impedia de perceber a importância de respeitar e acolher as diferentes orientações sexuais e



identidades de gênero. Com o tempo, percebi que, a educação e a conscientização são fundamentais para combater preconceitos e promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

A intersecção entre educação, gênero e sexualidade também me fez refletir sobre a importância de ser um agente de mudança. Ao me posicionar contra qualquer tipo de discriminação e a violência de gênero, percebo que vou contribuir para um ambiente mais justo e igualitário sem discriminação. A educação não é apenas um meio de adquirir conhecimento, mas também uma ferramenta poderosa para promover a equidade e a justiça social.

Além disso, as discussões sobre sexualidade trouxeram à tona a importância de uma abordagem inclusiva e respeitosa. Nos debates sobre sexualidade há vários relatos que mostram como muitas pessoas enfrentam preconceitos e discriminações que afetam profundamente suas vidas. Apesar de alguns avanços aqui no Brasil, ainda é necessário criar um ambiente acolhedor, onde todos possam se sentir seguros e valorizados, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Como foi abordado anteriormente, falar sobre sexualidade ainda é um tabu na minha sociedade. Essa situação resulta em uma negação e desrespeito em relação às orientações sexuais das pessoas. Muitas vezes, as discussões sobre sexualidade são evitadas, o que perpetua preconceitos e estigmas. Essa falta de diálogo não apenas marginaliza aqueles que se identificam fora da norma heteronormativa, mas também impede a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ademais, para superar essas limitações, é necessário promover a educação sobre igualdade de gênero, é fundamental implementar estratégias que abordem essas questões da participação e a permanência das meninas nas escolas, para desafiar os estereótipos desde muito cedo. Além disso, é importante incentivar a participação das mulheres na educação escolar e nas áreas tradicionalmente dominadas por homens, vice-versa, como também é necessário apoiar os homens em papéis de cuidado, como domésticas que são essenciais. Por outro lado, precisamos das políticas que promovam a equidade e a diversidade no geral.

Por fim, os conhecimentos adquiridos na sala de aula, os textos, livros e o meu percurso acadêmico aqui no Brasil, me levaram a entender, questionar e reconhecer que as experiências de opressão e privilégio são múltiplas e sobrepostas. A educação precisa abordar essas complexidades para promover uma sociedade mais justa e igualitária. As categorias de análise de gênero e sexualidade devem ser integradas de forma transversal no sistema educativo através



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

do currículo escolar, para que possamos formar cidadãos conscientes e respeitosos a qualquer diversidade.

### REFERÊNCIA

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Danise Tolfo. Método de pesquisa – Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2009

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa científica. 6 ed. São Paulo, Editora Atlas S.A.- 2008.

GUINÉ-BISSAU. III Recenseamento Geral da População e Habitação, (RGPH) 2009. **Características socioculturais**. Bissau: INE.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

VARGAS, J. R.; RODRIGUES, D. G. **A culpa é tua! O dispositivo da feminilidade operando condutas de jovens alunas contemporâneas**. MARGENS (UFPA), v. 16, 2022.

WORLD BANK. The World Bank in Guinea-Bissau. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/guinea-bissau?view=chart> acesso em: 23 aug 2024.